



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Visita ao Parque Nacional da Tijuca

A Floresta da Tijuca, coração verde do Rio de Janeiro, é prova concreta de que os brasileiros começaram há muito tempo a sentir os efeitos negativos da agressão ao meio ambiente e a preocupar-se com sua preservação. Em termos da própria história mundial, pode-se dizer que esta é uma manifestação pioneira de uma preocupação ecológica que só viria a ganhar força no último terço do Século XX.

No Brasil, entretanto, já no início da segunda metade do século XIX, realizou-se esta que é a primeira obra de reconstituição de uma floresta tropical, e que é também a maior floresta urbana em toda a Terra.

A população do Rio de Janeiro percebeu, ainda antes de implantar-se aqui a industrialização, que a substituição da floresta original por plantações de café prejudicava-lhe a qualidade de vida, diminuindo o abastecimento de água da cidade. Outros povos, em outros pontos do planeta, terão sentido conseqüências semelhantes, mas foi aqui que se tomaram medidas concretas para resolver o problema.

Recordo o caráter pioneiro deste empreendimento não como argumento para responder às denúncias que hoje se fazem em todo o mundo sobre a devastação de florestas no Brasil — muitas destas denúncias correspondem, infelizmente, à verdade

dos fatos. Faça o registro histórico para lembrar à opinião pública nacional e internacional que, mesmo sem uma consciência ecológica plena, nossos antepassados entenderam, por uma lição prática, que o desenvolvimento da economia e a melhora da qualidade de vida são processos nos quais o intercâmbio harmônico com a natureza deve estar necessariamente presente.

Devemos invocar o princípio da soberania para assumirmos, em toda a sua plenitude, a responsabilidade de velar pela preservação de nosso meio ambiente e de reparar os danos já cometidos. Devemos exercer a soberania com a consciência de que a nossa ação tem repercussões planetárias.

A comunidade internacional tem o direito de preocupar-se com os estragos causados ao meio ambiente, onde quer que ocorram; tem, no entanto, o dever de dar a essa preocupação um encaminhamento objetivo, racional e equilibrado; tem, sobretudo — especialmente as nações mais desenvolvidas — o dever de participar com ânimo verdadeiramente construtivo dos esforços de cooperação internacional, provendo meios necessários para tanto, como recursos humanos, financeiros, científicos e tecnológicos.

Em 1992, os participantes da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento poderão caminhar por esta floresta e comprovar o muito que se pode fazer quando existem a vontade e os meios adequados. Poderão ver um exemplo real — na vizinhança, entre o mar, a metrópole e a mata — de como o progresso e o respeito à natureza não são incompatíveis. E verão com certeza, na paisagem pobre e trágica dos mocambos e palafitas, a imperativa necessidade que países como o nosso têm de desenvolver-se.

O nosso desenvolvimento não copiará os modelos do consumismo, do desperdício, da destruição da natureza. Aprenderemos com os erros e os êxitos de outros povos, e com os nossos próprios. Conquistaremos o bem-estar e a justiça social de uma forma que dê prioridade à preservação ambiental.

Lidero, com convicção e com firmeza, a luta pela defesa do meio ambiente e pelo fortalecimento da consciência ecológica no Brasil e em todo o mundo. O meu engajamento ativo nessa

causa deriva de sentimentos pessoais muito profundos, que nada têm a ver com considerações de outra ordem. Pertencço à geração que colocou a questão ecológica como problema central da agenda internacional. Tenho um compromisso com a minha geração, com o meu tempo. E esse compromisso eu cumpro com entusiasmo, com vigor, pois não tenho dúvidas de que está em jogo a própria sobrevivência da humanidade.

O homem é parte da natureza. Se destruímos o meio em que vivemos, acabaremos inevitavelmente por destruímos a nós mesmos. Em sentido inverso, se zelarmos pela natureza, estaremos zelando por nossas vidas, pela vida de nossos descendentes e pela felicidade de todos. Estaremos criando um planeta melhor.

«Minha decisão é uma aposta no
Rio de Janeiro.»

Venho aqui hoje com um objetivo muito especial. Minha presença pretende simbolizar um momento de inflexão da história recente: começa agora a obra de reconstrução do Rio de Janeiro.

O Governo Federal tem grande sensibilidade para o problema da deterioração de certos aspectos da vida diária da gente desta cidade e deste Estado. Daremos colaboração efetiva para que esse processo seja revertido, a partir de já.

O Rio de Janeiro é um símbolo do Brasil, para nós brasileiros e para todo o mundo. Não é possível pensar numa boa imagem do Brasil sem uma projeção favorável do Rio junto à opinião pública.

A decisão que tomei de realizar aqui a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi adotada a despeito de me terem apresentado numerosas opiniões divergentes. Ouvi argumentos que desaconselhavam essa escolha

pelos mais diversos motivos, entre eles o da insegurança e o da suposta decadência da cidade.

Minha decisão é uma aposta no Rio de Janeiro, uma aposta no futuro, um voto de confiança. Sei que os cariocas e fluminenses serão capazes de criar, nos próximos dois anos, as condições indispensáveis para o êxito de um evento que, reunindo mais de 20 mil pessoas de todas as partes da Terra, dezenas de Chefes de Estado e de Governo, fará desta cidade centro das atenções internacionais e cenário de um acontecimento fundamental para nós e para a humanidade. O Brasil, unido, trabalhará com o Rio de Janeiro para que a conferência seja uma verdadeira vitória.

Vamos confirmar em 1992, uma vez mais, a sua vocação internacional. Confirmaremos também a forte consciência ecológica que aqui se formou, a ponto de estarmos todos envidando esforços para que a Floresta da Tijuca seja incluída na rede mundial de reservas da biosfera do programa «O Homem e a Biosfera», da UNESCO.

O Rio de Janeiro possui uma clara tradição de criatividade, espírito inovador e ânimo vanguardista. A preservação da natureza em nosso País requer tais qualidades. A cultura moderna, tão presente nesta cidade, incorpora hoje o vigoroso ingrediente da questão ambiental.

O desenvolvimento e o bem-estar dos brasileiros exigem a participação ativa de cariocas e fluminenses. Os problemas e as dificuldades não podem, de forma alguma, confundir-se com a marca do Rio de Janeiro. A marca do Rio de Janeiro sempre foi, e continuará a ser, a capacidade de vencer os obstáculos com trabalho e inteligência e, acima de tudo, com confiança e otimismo.

É nesse sentido que a alma do Rio se identifica com o surgimento de um Brasil novo. A luta pela reconstrução nacional em que estamos engajados necessita contar com a atitude sempre positiva e determinada deste povo, com sua permanente disposição de liderar os movimentos de transformação. O Brasil

confia no futuro desta cidade e tem certeza de que ela integrará de modo decisivo a realização do destino de bem-estar e felicidade deste grande País.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
quando de sua visita ao Parque Nacional da Tijuca,
no Rio de Janeiro, no dia 11 de agosto de 1990.*